

37º Encontro Anual da ANPOCS

ST 18 Trabalho e Ação Sindical na Sociedade Contemporânea

Luta pelo Trabalho na periferia da cidade: onde está o trabalho
autônomo? A experiência da Agência Popular de Produção de Cultura
Solano Trindade na zona sul da cidade de São Paulo

Marta de Aguiar Bergamin

(Escola de Sociologia e Política de São Paulo)

Águas de Lindóia, Setembro de 2013

Introdução

A conquista por trabalhos com maior autonomia é um grande desafio que faz parte da luta pelo direito à cidade na periferia de São Paulo. A construção de práticas que tragam esses espaços em que as periferias possam ir se tornando territórios ativos da cidade são conformados entre outras coisas através de lutas políticas dos seus moradores. Há uma intrincada rede de elementos e atores que fazem parte desse cenário. Em primeiro lugar podemos ressaltar o lugar importante ocupado por alguns movimentos sociais para a busca de espaços de resistência que possam trazer mudanças inclusive nas formas de trabalho hoje. Também é fundamental lembrar que os territórios e as sociabilidades, a dinâmica do mercado de trabalho, assim como a constituição dos movimentos sociais mudaram substancialmente na última década.

A percepção desses processos pode ser observada nas transformações que a cidade apresenta: 1) mudanças nas organizações dos movimentos sociais – em um processo de institucionalização que trouxe uma profissionalização para muitos movimentos¹; 2) na dinâmica da cidade de São Paulo que altera também a periferia que vem apresentando mudanças contundentes nas paisagens na última década – percebidas pelos comércios que crescem e transformam rapidamente a composição do território. Embora devamos lembrar que a pobreza é bastante heterogênea, e é nas periferias mais distantes do centro que se encontram áreas de extrema pobreza – e os indicadores sociais (escolaridade, emprego, habitação, etc.) demonstram as enormes dificuldades para se viver nessas franjas da cidade²; 3) no mercado de trabalho aquecido que provoca transformações, mas não termina com a urgência que os moradores das áreas mais pobres enfrentam no dia-a-dia. Observar as relações de trabalho e as sociabilidades na periferia é ver uma realidade em que as transformações são muito mais lentas que em outras partes da cidade. A relação dos moradores com a cidade continua na chave da precariedade mesmo com as mudanças que se expressam nas novas formas de consumo, no trabalho mais fácil de ser arrumado; enquanto a precariedade de acesso aos direitos continua marcando a vida dos moradores da periferia.

¹ Para muitos movimentos sociais essas novas dinâmicas retiraram as lutas sociais como foco central dos objetivos a serem perseguidos, porque a busca por financiamentos e a cotidiano das ONGs e associações podem tomar uma dimensão mais importante. Esses e outros temas se encontram com maior desenvolvimento na minha tese de doutorado: “Lutas na cidade de São Paulo: Mutirão Recanto da Felicidade e Banco Comunitário União Sampaio”, defendida na UFSCAR, 2011.

² Cf. Marques e Torres, 2005.

Este texto tem como objetivo apresentar a constituição da Agência Solano Trindade para analisar essa experiência como uma possibilidade de luta para a construção de novos espaços de trabalho mais autônomos. A atuação das lideranças investigadas na zona sul de São Paulo estrutura-se na busca de resignificação da autonomia para conquistas de saídas do mundo precário. Nessa medida, podemos pensar em uma luta política, nos termos de Rancière, ou seja, embora as dificuldades inerentes ao processo surjam se busca a conquista da ampliação dos espaços de resistência – o que traz a constituição de uma experiência política. O trabalho das lideranças se move entre diversas lógicas: da busca por recursos para sustento das atividades da Associação, do Banco Comunitário e da Agência; além de uma invenção de novas formas que articulam e fogem a uma mera reprodução e aceitação de uma naturalização que a pobreza sofre. Como nos lembra Rancière (1996), a luta política é travada nas ações para lidar com essas diferentes lógicas, e a *política* está propriamente nestes lugares sociais em um campo de disputa pelos significados.

A experiência de trabalho desenvolvida com a formação da Agência Popular de Produção de Cultura Solano Trindade, em parceria com o Banco Comunitário União Sampaio, localizados no Campo Limpo, zona sul da cidade de São Paulo, nos permite amarrar alguns elementos importantes para empreendemos essa discussão. A Agência Solano Trindade organiza em redes coletivos e profissionais de cultura da periferia que tenham uma proximidade territorial. Mas também existe um critério que acaba se sobressaindo: as afinidades políticas – que podemos definir como uma postura crítica à sociedade capitalista a ao modo como os moradores da periferia são tratados por certos setores da sociedade, como a questão da violência policial contra jovens negros, esses princípios acabam por orientar as práticas da Agência. Nesse sentido, a Agência Solano Trindade, se constituiu como uma rede de produção de cultura de periferia que se voltaria para ações que fortalecessem um mercado de trabalho ligado à produção cultural, mas enfrenta grandes dificuldades para estabelecer essas relações na prática.

Há uma tensão sempre presente entre a produção estética pensada em conjunto com o mercado de trabalho. A captura estética pelo mercado parece sempre compor o cenário e o temor para o desenvolvimento da produção e da circulação da arte. Por outro lado, é fundamental para qualquer morador da periferia buscar a sobrevivência e a remuneração do trabalho quer seja ele um trabalho sem essa produção de sentido tão

qualificada, quer seja um trabalho ligado à produção cultural. Nessa medida, compreender as significações de um desenvolvimento de formas de profissionalização na área cultural se torna um exercício além da reflexão estética.

A produção estética da periferia vai ganhando novos reconhecimentos com uma narrativa dos temas que ganha relevância, reconhecimento, visibilidade e participação em novos mercados na última década. E alguns movimentos de cultura da cidade de São Paulo parecem expressar velozmente essas transformações dos circuitos de produção e circulação de cultura, com a constituição de núcleos estabelecidos fora do circuito mais tradicional com abertura para produções em outros lugares sociais³.

Nesse sentido, conhecer a experiência do Banco Comunitário União Sampaio é fundamental para compreendermos a constituição da Agência Solano Trindade que nasce como um braço do Banco Comunitário Sampaio. A ideia de desenvolver uma rede de produção cultural surge da proximidade dos atores da zona sul de São Paulo, tanto atores dos movimentos sociais, quanto artistas e “produtores” de saraus e outras manifestações de cultura que foram crescendo e encontrando terreno fértil para se tornarem iniciativas duradouras. O resultado mais importante desse processo é que esses projetos e experiências foram modificando as narrativas sobre a periferia.

A Economia Solidária

O debate em torno da economia solidária versa em grande medida sobre o estatuto do trabalho para experiências mais participativas e autogestonárias. No geral, elas são constituídas com o objetivo de superação das condições precárias de vida⁴. Uma parte dos estudiosos da economia solidária acredita que as positivities das experiências nesse campo vêm também do exercício da participação nessa chave da construção pedagógica da experiência.

³ O contato do Banco Sampaio com o coletivo Fora do Eixo colaborou para formatar a ideia da constituir uma agência de produção cultural “das quebradas”. Um circuito de troca de trabalhos e serviços que pudesse ligar de forma mais forte e efetiva as iniciativas culturais que já existiam naquela parte da periferia da zona sul da cidade de São Paulo. Está fora do escopo desse trabalho discutir a produção e atuação do coletivo Fora do Eixo.

⁴ Cf. Singer, 2005; Faria, 2005.

“Pode-se afirmar que a ligação do empreendedorismo associativo com a Economia Solidária está na retomada do protagonismo de pessoas em situação de pobreza e na condução de uma atividade econômica. A melhoria das suas condições de vida, a ativação das capacidades organizativas, relacionais e de enfrentamento das dificuldades, já são elementos positivos em um processo associativo que visa potencializar as capacidades humanas e gerar renda para sobrevivência digna.

Ao relacionarem-se com programas de políticas públicas e com os demais agentes sociais envolvidos no processo de empreender coletivamente, são geradas aprendizagens que transformam a vida dos sujeitos participantes de várias formas e que modificam também a atuação do Estado como instrumento de redução da desigualdade. Esse redirecionamento de posturas envolve também a sociedade civil, que passa a interagir com processos e produtos oriundos das práticas associativistas, tendo a oportunidade, como cidadã e consumidora, de participar em alguma medida de uma mudança social” (VERONESE e FERRARINI, 2011, pp. 17/18).

Mas, como podemos observar, nem sempre os projetos conseguem vencer os limites de recursos, de tempo de realização impostos aos empreendimentos nesse campo e à competição no mercado, além de outras questões como as que envolvem os funcionamentos dos bancos comunitários, por exemplo. Os autores mais entusiastas da economia solidária defendem essas práticas como fontes de transformação reais das relações de trabalho e também da sociedade. Autores mais críticos acabam relevando as grandes dificuldades enfrentadas por essas experiências, vendo nelas formas de reprodução da precariedade que o capitalismo delegou aos trabalhadores mais desqualificados e que a economia solidária não consegue superar.

De qualquer modo é importante ressaltar que, em grande medida, a literatura sobre esse campo da economia solidária reconhece as enormes dificuldades enfrentadas para se competir no mercado capitalista a partir de empreendimentos que encontram fragilidades financeiras e tecnológicas com as quais essas experiências frequentemente se deparam. A observação de algumas experiências mostram práticas e processos criativos que reinventam para moradores da periferia de São Paulo processos e relações de trabalho.

O Banco Sampaio e a Agência Solano Trindade

O Banco Comunitário Sampaio e a Agência Solano Trindade são experiências que se inscrevem nesse campo da economia solidária, mobilizam em seus processos novas formas de inserção dos participantes no mercado de trabalho. As dificuldades enfrentadas cotidianamente em todos os empreendimentos do Banco Comunitário faz parte das emergências presentes nas relações com a pobreza nas franjas precárias da cidade, como diz Rafael, coordenador do Banco Sampaio.

Um ponto fundamental de ressaltar é que em todas as experiências mais exitosas de bancos comunitários no Brasil (como é o Banco Palmas, de Fortaleza e o Banco Bem, de Vitória e o próprio banco Sampaio em São Paulo) pode-se notar uma importante conexão entre um movimento social fortemente articulado com a comunidade que assume o banco comunitário como uma ferramenta para constituir novas formas de superação das precariedades. O Banco Comunitário União Sampaio se constitui como uma experiência de economia solidária nesses moldes: uma Associação como a Casa da Mulher, do Campo Limpo, com anos de funcionamento, com lideranças históricas que ao receber novos militantes abraçou a ideia de formação do Banco para dar visibilidade ao trabalho já realizado, mas também constituindo novas lideranças e outras formas de atuação social.

Essa experiência baseia-se no questionamento das formas de trabalho estabelecidas na periferia, uma precariedade imensa para boa parte da população que não consegue sequer acessar os benefícios sociais (como o Programa Bolsa Família) sem ajuda. Prega, então, novas relações com o dinheiro e com o consumo, colocando, dessa maneira, uma questão para os moradores: é possível construir novas relações com o bairro e com a cidade?

A cidade é constante e fortemente mediada pelas relações de trabalho e, assim as dificuldades na inserção no mercado, baixos rendimentos, precariedade das situações de trabalho acabam por colaborar para um acesso à cidade que não garante direitos sociais mais plenos. As construções subjetivas dos sujeitos podem ser (re)elaboradas na medida em que as mudanças e as continuidades vão se apresentando nos modos de constituir a vida e suas narrativas.

O desenvolvimento de bancos comunitários é uma experiência recente na cidade de São Paulo, os bancos possuem uma moeda social com uma circulação territorial nos bairros para que possam gerar uma movimentação econômica local. A primeira experiência de bancos comunitários no Brasil é a do Banco Palmas, localizado em Fortaleza, fundado em 1997. Um projeto pioneiro que foi desenvolvido pela associação de moradores, um movimento social que buscava melhorar as condições do bairro Palmeiras que crescia depois de um processo de remoção de moradores da orla de Fortaleza para um bairro na periferia afastada da cidade sem nenhuma infraestrutura urbana. A partir dessa experiência diversos outros projetos e iniciativas foram empreendidos no bairro pelas lideranças locais ligadas ao Banco Palmas. A partir do fortalecimento da economia local o Banco Palmas buscou outras formas de lidar com a pobreza e, assim, no interior da sede do Banco foram constituídas algumas cooperativas produtivas de produtos que eram consumidos pelos moradores e poderiam então ser produzidos e comercializados localmente.

Os bancos comunitários funcionam a partir da implementação de uma moeda social que normalmente possuem uma circulação em um território definido – o que faz com que o dinheiro social que circula nas mãos dos moradores possa trazer um aquecimento à economia local. Isso é realizado através da adesão dos comerciantes do território delimitado que ao aceitar receber seus produtos e/ou serviços nessa moeda possibilitam essas trocas econômicas locais. Os bancos comunitários emprestam e financiam recursos para empreendimentos que possam gerar renda aos moradores dos bairros em que estão localizados, os empréstimos podem ser em moeda social o que faz com essa rede de comerciantes precise ser constituída para que essa moeda local circule.

O Banco União Sampaio está localizado no bairro do Campo Limpo, zona sul da cidade de São Paulo. Ali surgiu essa experiência, vinculada à União Popular de Mulheres, uma associação com longa história, atuando como um movimento social nas décadas de 1990 e anos 2000, quando precisou se institucionalizar como uma Associação para conseguir tocar projetos para a comunidade e conseguir financiamentos para se sustentar. A atuação do Banco Comunitário se desenrola neste cenário de grandes e graves problemas sociais no distrito do Campo Limpo. O Banco caminha para o seu quarto ano de funcionamento, e foi formado em conjunto com outros quatro bancos comunitários com assessoria da Incubadora Tecnológica de Cooperativas da USP – a ITCP, do Banco Palmas de Fortaleza e da SENAES – Secretaria Nacional de Economia

Solidária, em convênio com a UMM SP – União dos Movimentos de Moradia de São Paulo. Mas ao que parece somente o Banco Sampaio consegue hoje uma movimentação econômica mais significativa e também uma inserção no bairro. E aqui podemos ressaltar novamente a constituição de um movimento social que caminha junto com o crescimento do banco comunitário, o Banco Sampaio é o único banco comunitário que não está vinculado ao movimento de moradia, como é o caso dos outros bancos comunitários de São Paulo constituídos por uma emenda parlamentar ligada às suas demandas. O movimento de moradia tem uma outra lógica de atuação política e os bancos comunitários entram em choque com essas formas e nesses casos não funcionaram para o fortalecimento dessas experiências.

Nesse tempo de vida do Banco Sampaio as dificuldades enfrentadas são enormes para todas as experiências auxiliadas pelo Banco, destacando o fato de que o Banco Sampaio começou com um fundo de aproximadamente R\$ 8.000,00 e hoje conta com perto de R\$ 30.0000, ou seja, pode financiar apenas quantias pequenas para que o dinheiro circule. Mas a fragilidade da constituição institucional deste banco comunitário em particular não tem se apresentado como um limitador para o desenvolvimento desta experiência analisada. O maior volume de recursos é destinado para empréstimos pessoais, sem pagamento de juros, e para crédito solidário (empréstimos de até R\$ 1.000,00 em Sampaio), com juros bem inferiores aos praticados no mercado. Os empréstimos pessoais são para as necessidades emergenciais e os empréstimos solidários têm se destinado àqueles que desejam investir em empreendimentos produtivos, ou para abrir um negócio ou como incremento aos empreendimentos que já existem.

A Agência Solano Trindade surge com empréstimos cada vez mais frequentes que iam sendo realizados para empreendimentos culturais: escritores, artistas e novos projetos que foram fomentados com editais ligados ao Banco foram consolidando a ideia da formação de uma agência de produção cultural da periferia. E assim consolidar a circulação e produção cultural da região como uma “vocação”.

A coordenação do Banco Sampaio mostra uma atuação junto à comunidade e apresenta idéias novas sobre o que pode ser um desenvolvimento comunitário e o processo de fortalecimento de um projeto como esse. A partir dessa experiência foi possível articular e congregar diversos atores sociais que começaram juntos a pensar e atuar para desenvolver o que chamam de economia da cultura como forma de canalizar os interesses dos atores sociais que já atuam na zona sul de São Paulo há anos em

diversas formas de expressão de cultura. Desse processo constituiu-se a Agência Popular de Cultura Solano Trindade, que forma uma rede de produção de cultura. Se por um lado pudermos reconhecer que muitos dos movimentos culturais já eram existentes antes da constituição da Agência, também podemos observar que por outro lado essa articulação em rede possibilita uma maior organização do trabalho dos atores envolvidos o que traz uma força tanto social quanto financeira para os projetos envolvidos.

Algo a ser notado que vem ocorrendo na zona sul da cidade de São Paulo são os grupos de produção de cultura que começaram a desenvolver através, deste e de outros projetos, o que chamam de uma luta política. O grande objetivo para esse coletivo que vai se formando é o sustento das experiências e, para isso, buscam fortalecer um mercado de produção e consumo do que é produzido ali. Os grupos de produção cultural existem e sempre existiram na periferia, mas carecem da falta de um mercado estruturado para que a sua produção possa se sustentar. Aqui entramos em uma discussão complexa sobre essa experiência em particular porque ao se vincular com proposições políticas recusam certas filiações e financiamentos que poderiam fomentar de forma mais consistente experiências que resultariam em um fortalecimento econômico dessa “cadeia produtiva”, mas para eles desvirtuaria a produção cultural vinculada de certa forma às visões de mundo do grupo que constitui a Agência.

O tema ganha relevância por essa tensão entre uma produção estética e o mercado da cultura, esse também ganhando uma visibilidade importante hoje. As opções de trabalho para os jovens na periferia ainda são limitadas e estão entre uma inserção precária em empregos informais ou entrada em empregos formais de pouca remuneração, ou a participação em atividades ilícitas, ou mesmo a não participação no mercado de trabalho (uma porcentagem alta dos jovens não está nem estudando e nem trabalhando no Brasil, 18,4% dos jovens estão nessa condição, entre as jovens negras sobe para 28,2%, dados da PNAD, 2009).

Com essas formas de produção e consumo de arte em um circuito alternativo pode-se de alguma maneira vislumbrar uma forma modificada de inserção no mercado de trabalho, embora as dificuldades dessas produções fora dos grandes eixos da indústria cultural da qual a periferia vai também participando cada vez mais efetivamente são enormes. O funk em São Paulo, por exemplo, com as festas de rua, os chamados *pancadões*, conseguem aglutinar milhares de jovens na cidade, mas o movimento não parece oferecer nada diferente nas formas de inserir os jovens no mercado de trabalho,

apenas uma pequena parcela consegue ganhar algum dinheiro e rapidamente são substituídos por novos grupos com uma dinâmica rápida de substituição das músicas tocadas. Esse é um tema que vai ganhando relevância e atraindo pesquisadores que se voltam ao circuito dessa cultura periférica.

Para remontar a história da formação da Agência Solano Trindade podemos nos remeter a alguns escritores e artistas que são da zona sul da cidade de São Paulo e que ganharam reconhecimento nacional abrindo portas para a expressão de novos artistas. Há autores com uma produção literária já estabelecida como Ferréz e Sérgio Vaz, grupos musicais reconhecidos, como o Racionais MC's, e inicia-se uma efervescência ligada à produção de cultura para esta parte da cidade, nunca retratada, nunca reconhecida. Com a instituição dos saraus, o Sarau da Cooperifa, com Sérgio Vaz, já com mais de 10 anos, o Sarau do Binho e outros saraus mais recentes este movimento vai ganhando corpo. Essa produção cultural começa a marcar um lugar social e pode, então, falar sobre a periferia para a periferia. Alguns artistas começaram este processo de uma produção literária e musical vinculada aos temas da periferia como a violência, inclusive policial – temas antes que não eram retratados desta maneira. Novas formas narrativas da vida na periferia ganham expressão cultural e vão ganhando reconhecimento e visibilidade.

A Agência Popular de Cultura Solano Trindade foi inaugurada em setembro de 2011. A principal meta seria estabelecer trocas de serviços com uma moeda própria, que tem um funcionamento diferente da moeda social do Banco Sampaio, essa nova moeda baseada em trabalho, uma troca de trabalhos intermediada pela moeda social: o Solano. A ideia de montar uma “cadeia produtiva” que pudesse incentivar os jovens da comunidade a se profissionalizar artisticamente e nas outras atividades da produção cultural e em áreas afins, como a produção técnica musical, por exemplo, articulou inicialmente a formação da rede. A implementação de todos os processos não tem se constituído como uma tarefa fácil, e variadas questões permeiam esse processo.

As novas tecnologias e seus usos recentes trouxeram modificações importantes para a produção e divulgação dos produtos culturais mexendo em todo o mercado da cultura. Há sem dúvida uma democratização desses processos que se tornaram mais acessíveis e criaram e fortaleceram novos modos de se produzir e a de divulgar os trabalhos. A Internet é um veículo fundamental nessa cadeia de circulação da cultura.

A Agência, articulada com a atuação do Banco Sampaio, busca fomentar um movimento político. Para tanto, busca integrar uma movimentação de atores sociais que podem congregam novas articulações, isso porque convivem com as lógicas da política local, conhecem e convivem com os movimentos mais vulneráveis do bairro e com as urgências da vida na periferia de São Paulo. Vemos então a articulação de um movimento que se encontra buscando formatos novos de organização e execução dos projetos. Apostando em novas articulações para lutas políticas, com a formação e um movimento social que no momento atual, parece voltar-se para uma estruturação de um mercado fora do eixo convencional, com produção e consumo de uma arte produzida na periferia, fomentando um mercado de trabalho da cultura que possa ligar as diversas dimensões dessa “cadeia produtiva”, em processo de construção.

As políticas culturais foram ganhando contornos que possibilitaram que alguns programas públicos financiassem projetos mais descentralizados de cultura, e essa dinâmica movimentou a produção da periferia. Nesses espaços da zona sul da cidade de São Paulo esses projetos, alguns ligados à Pontos de Cultura (programa do MINC), trouxeram essas novas perspectivas de se relacionar com a produção cultural mais profissionalmente. As políticas sociais podem tocar mais diretamente as formas de organização da vida. Os financiamentos de programas de cultura, por exemplo, ali na zona sul de São Paulo, parecem, como pudemos observar em alguns espaços, ser aproveitados para trazer modificações nas relações sociais, que podem mudar mais efetivamente a inserção dos jovens no mercado de trabalho. Essas mudanças pontuais a partir da formação do Banco Comunitário e da Agência Solano Trindade vão compondo um quadro descritivo das realidades de trabalho que podem nos dar pistas dessas transformações.

É preciso então buscar compreender as maneiras como os trabalhos formal e informal se colocam como horizonte para os moradores dessas localidades periféricas e com isso inserir a discussão dessas novas experiências de trabalho hoje em um contexto mais geral de transformações das maneiras de exercer as sociabilidades na cidade. Isso porque a economia está sempre de alguma maneira refletida nas práticas sociais, nesta “nova morfologia” que o trabalho apresenta atualmente, como diz Antunes (2007): o trabalho fabril diminuiu em todo o mundo e cada vez mais homens e mulheres exercem trabalhos temporários, precários, em tempo parcial, terceirizados, domésticos, sem

direitos sociais etc., características que permanecem fazendo parte de um léxico do mundo do trabalho hoje.

Mas o campo de atuação da Agência é uma invenção, que têm sido posta em prática conforme as demandas e novas ideias vão surgindo. A aposta em novas articulações, no momento atual, se voltam para a estruturação de um mercado fora do eixo convencional, com produção e consumo da arte produzida na periferia, fomentando um mercado de trabalho da cultura que possa ligar as diversas dimensões dessa “cadeia produtiva”, ainda em grande parte a ser construída.

Neste espaço precário da cidade, há jovens (e artistas não tão jovens) articulando projetos culturais individuais das mais diferentes espécies, visando a formação de uma rede que possa torná-los mais fortes. Fomentando esses projetos, de certo modo, se parte para uma estruturação de um novo mercado de trabalho para esses artistas que sozinhos não conseguem se manter da sua arte. A produção de um discurso que dê forma a esse processo parece ser um dos pilares fundamentais dessa articulação: há um discurso potente, que ganha força a cada reunião deste grupo de pessoas, de dentro e de fora dos bairros da periferia, um discurso com forte conteúdo político (mas não em um padrão de política partidária, devemos ressaltar). A política vem sendo produzida neste contexto do que poderíamos chamar de pós-desmanche das expectativas de constituição de espaços mais democráticos no país⁵: cientes de todas as articulações da chamada “política real” esses novos atores vão buscando articulações possíveis com a gestão pública.

Os artistas da periferia que desejam uma inserção mais profissional no circuito da cultura vão buscando formar um circuito alternativo no qual essa arte circule de forma mais organizada. Mais do que isso, começa a ficar claro que é preciso criar na periferia acesso a essa cultura produzida ali e que para isso é necessário novos arranjos e a busca por uma profissionalização. Essa profissionalização não é tarefa fácil. Tudo ali apresenta enormes dificuldades, é muito difícil de fazer acontecer.

⁵ Cf. Oliveira e Rizek, 2007.

Conclusões

Os atores sociais desses coletivos mostram trajetórias urbanas e profissionais nem sempre ligadas às suas produções culturais. Esses personagens da periferia de São Paulo mostram as dificuldades e como vão as driblando para uma inserção no mercado de trabalho que possa realizá-los pessoalmente. Alguns conseguem outros não. Os que conseguem vão abrindo esses espaços de maior autonomia no mundo do trabalho, e nesse caso da Agência Solano Trindade ligados à produção de cultura.

Os sujeitos políticos que põem em questão esse regime do “uso da palavra” e da “partilha do sensível” lutam para formar uma comunidade política. Porque ao se determinar que na periferia só se faz uma produção artística que não merece ser vista como discurso produzido sobre a realidade, está-se desqualificando o que ali acontece. As políticas e programas públicos que incentivam certa descentralização dessa produção artística, como os Pontos de Cultura do Minc no Governo Federal e o programa VAI, no âmbito Municipal, possibilitaram concretamente a realização de diversas ações e produções que puderam ser reunidas, no caso da constituição da Agência Solano Trindade, para que essa descentralização da produção dos discursos culturais possa ser desenvolvida com maior reverberação também na periferia. A periferia falando sobre a periferia e para a periferia (e depois ganhando a cidade) pode ser vista como uma nova forma de produzir discursos, o que Rancière (2005) chama de nova partilha do sensível. Há a formação de um novo campo de disputas.

Bibliografia

- BERGAMIN, Marta (2011). “Lutas na cidade de São Paulo: Mutirão Recanto da Felicidade e Banco Comunitário União Sampaio”. Tese de doutorado em sociologia defendida na Universidade Federal de São Carlos.
- FARIA, Maurício Sarda de (2005). *Autogestão, cooperativa, economia solidária: avatares do trabalho e do capital*. Tese (Doutorado em Sociologia) — Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Centro de Filosofia e Ciências do Homem da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- LIMA, Jacob C. (2010). Participação, empreendedorismo e autogestão: uma nova cultura do trabalho? *Sociologias*. Programa de Pós-Graduação da UFGRS, Porto Alegre, nº 25, p. 158-198.
- MARQUES, Eduardo César; TORRES, Haroldo (Orgs.) (2005). *São Paulo: segregação, pobreza e desigualdades sociais*. São Paulo: Editora Senac São Paulo.
- OLIVEIRA, Francisco de; RIZEK, Cibele (Orgs.) (2007). *A era da indeterminação*. São Paulo: Boitempo.
- PARRA, Henrique Z. e GAVIN, Adams (2011). Nem eixo nem seixo. Texto disponível em: <http://pimentalab.net/blogs/medialab/2011/06/27/nem-eixo-nem-seixo/>.
- PASSA PALAVRA (2011). A esquerda fora do eixo. Texto disponível em: <http://passapalavra.info/?p=41221>.
- PAOLINO, Antonio George (2008). *Economia solidária como projeto cultural e político: a experiência do Banco Palmas*. Tese (Doutorado em Sociologia) — Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- RANCIÈRE, Jacques (1996a). *O desentendimento: política e filosofia*. São Paulo: Editora 34.
- RIZEK, Cibele Saliba (2011). *Práticas sociais e culturais: novas tessituras?* Texto apresentado no 35º Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), Caxambu.
- SADER, Eder (1988). *Quando novos personagens entram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- SEGNINI, Liliana Rolfsen (2006). Acordes dissonantes: assalariamento e relações de gênero em orquestras. In: ANTUNES, Ricardo (Org.). *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil*. São Paulo: Boitempo, p. 321-336.
- SINGER, André (2009). Raízes sociais e ideológicas do lulismo. *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), nº 85, p. 83-102.

- SINGER, Paul (2008). Economia solidária — entrevista com Paul Singer. *Estudos Avançados*. São Paulo, Instituto de Estudos Avançados, nº 62, São Paulo, p. 289-314.
- SINGER, Paul; SOUZA, André (2000). *A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego*. São Paulo: Contexto.
- TELLES, Vera de S (2010). Ilegalismos urbanos e a cidade. *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), nº 84, p. 153-173.
- VERONESE, Marília V. e FERRARINI, Adriene. V. (2011). Microempreendedorismo associativo: Análise de empreendimentos de Coleta e Triagem de Resíduo Urbano” Texto Apresentado no XV Congresso de sociologia, Curitiba.